

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Michelle Claudino Pires

**REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL
APLICADA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**
O CASO DO PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO AHIA

Porto Alegre
2012

Michelle Claudino Pires

**REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL
APLICADA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**
O CASO DO PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO AHIA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefe: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe-Substituto: Sônia Elisa Caregnato

P667 Pires, Michelle Claudino
Reflexões sobre a Memória Social Aplicada à Ciência da
Informação: o caso do Projeto de Revitalização do Acervo
Fotográfico do AHIA / Michelle Claudino Pires. - 2012.
57 f. : Il. color.
Monografia (Graduação em Biblioteconomia) -Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

1. Memória Social 2. Ciência da Informação 3. Acervo
fotográfico 4. Arquivo Histórico – Instituto de Artes – UFRGS
I. Giovanaz, Marlise Maria (orientadora) II.Título.

Departamento de Ciência da Informação

R. Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 Porto Alegre/RS

Telefone: 51 3308.5067

Fax: 51 3308.5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

Michelle Claudino Pires

**REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL
APLICADA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**
O CASO DO PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRAFICO DO AHIA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Bacharel em Arquivologia Medianeira Pereira Goulart

Prof^a. Dra. Lizete Dias de Oliveira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Marlise pela orientação dedicada e pela tranquilidade transmitida na elaboração deste trabalho. Agradeço, principalmente, pelo trabalho acadêmico solicitado no terceiro semestre - a elaboração de um Memorial, que não só me pôs em contato com estes estudos sobre a memória, mas também me oportunizou entrar em conexão com as minhas raízes familiares através dos álbuns de fotografia e do relato destas memórias por uma pessoa muito especial, minha avó, que pouco tempo depois partiu. Foi uma oportunidade ímpar.

Agradeço à Medianeira por ter idealizado e realizado o projeto que deu origem a este TCC e por toda a disponibilidade e colaboração para o desenvolvimento dele.

Agradeço à Natielle pelas horas dedicadas para transcrever a entrevista. À minha amiga Bianca por me emprestar o gravador de voz e pelas críticas positivas! Ao Rodrigo pela leitura do capítulo final e pela demonstração de que ele estava inteligível!

Às amigas Patrícia Saldanha e à Lilian Flores por terem sido minhas grandes incentivadoras e companheiras nesta profissão. Aos colegas que nem sabem o quanto tiveram importância no meu dia a dia na FABICO: à Lisiane Ulguim, à Giana Arnecke, à Rosane Evaldt, ao Leandro Oliveira e agora, bem no finalzinho, a Carina Pahim. Esta passagem foi mais feliz na companhia de vocês.

Dediquei este espaço para agradecer aos que contribuíram na minha formação acadêmica e para a elaboração deste TCC. Mas, aos queridos que tornam a minha vida melhor, meus familiares, meus amigos e meu namorado, agradeço por estarem sempre ao meu lado, na base para todas as realizações.

*Aquele que controla o passado
controla o futuro. Aquele que controla
o presente controla o passado.*

George Orwell

RESUMO

A presente monografia relaciona os estudos do fenômeno da Memória Social às práticas da Ciência da Informação. O estudo tem abordagem qualitativa e é de natureza exploratória. O método utilizado é o bibliográfico, baseado em um estudo de caso. O objetivo geral da pesquisa é analisar a metodologia utilizada no tratamento das informações postadas no *site* do Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio grande do Sul, para a identificação do conteúdo das fotografias que compõe seu acervo, propondo reflexões sobre esta prática sob a luz das teorias sobre Memória Social, representadas principalmente pelos estudos de Jacques Le Goff e Michel Pollak. Inferiu-se com este, a necessidade da reflexão das práticas profissionais na área da Ciência da Informação e de suas disciplinas aplicadas, a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia, da influência sobre seus acervos e dos métodos de tratamento da informação na construção e legitimação da memória coletiva.

Palavras-chave: Memória Social. Ciência da Informação. Acervo Fotográfico.

ABSTRACT

This monograph relates the study of the phenomenon of Social Memory the practices of Information Science. This study has a qualitative approach and exploratory. The method used is the bibliography, based on a case study. The objective of the research was to analyze the methodology used in the treatment of the information posted in the site of the Revitalization Project Photo Collection of Historical Archives of the Arts Institute of Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), to identify the content of the photographs that make up is collection, offering reflections on this practice in light of theories of Social Memory studies from Jaques Le Goff and Michel Pollak. Identified is self with this research the need field of information of professional of Information Science and its applied subjects, the influence of their collections and the construction and legitimation of collective memory.

Keywords: Social Memory. Informaction Science. Photo Collection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Página inicial do <i>site</i> do AHIA	40
Figura 2 -	Galerias de fotografias para identificação	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2 – Código de Catalogação Anglo-Americano (2ª edição)

AHIA – Arquivo Histórico do Instituto de artes da UFRGS

CC-ILBA-RS – Comissão Central do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul

CI – Ciência da Informação

CIDOC - Comitê Internacional para Documentação do ICOM

CNN - Catálogo Nacional de Publicações Periódicas

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODEARQ - Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos

CONARQ - Conselho Nacional de Arquivos

IA – Instituto de Artes da UFRGS

IBA – Instituto de Belas Artes

ICOM - Conselho Internacional de Museus

ILBA – Instituto Livre de Belas Artes

DAD – Departamento de Artes Dramáticas

DAV – Departamento de Artes Visuais

DEMUS – Departamento de Música

NOBRADE - Norma Brasileira de Descrição Arquivística

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UPA – Universidade de Porto Alegre

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	15
2.1.1	Histórico da Ciência da Informação	15
2.1.2	Conceitos da Ciência da Informação	17
2.1.3	Características da Ciência da Informação	19
2.1.4	Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia	19
2.2	MEMÓRIA	22
2.2.1	Memória Social	22
2.2.1.1	<i>Memória como Instrumento de Controle Social</i>	23
2.2.1.2	<i>Dinâmica da Memória Social: vivência, enquadramento, silêncio</i>	28
2.2.2	Fotografia e Memória	33
3	O PROJETO DO AHIA: UM ESTUDO DE CASO	36
3.1	INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS	36
3.2	ARQUIVO HISTÓRICO DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS	37
3.3	PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO AHIA	38
3.3.1	Identificação do Projeto	38
3.3.2	O Projeto na Prática	41
4	MEMÓRIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL APLICADA AO PROJETO DO AHIA	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	51
	ANEXO A – Exemplo de Postagens de Informações: interação entre os participantes	54
	ANEXO B – Exemplo de Postagens de Informações: relatos afetivos	55
	ANEXO C – Modelo de Descrição das Fotografias	56
	ANEXO D - Carta de Cessão de Direitos Autorais	57

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação tem por objeto de estudo as propriedades gerais da informação. A Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia são consideradas suas disciplinas aplicadas, cada uma com métodos específicos, mas com funções similares: coletar, sistematizar, preservar e divulgar informação através dos mais variados suportes a fim de atender as necessidades informacionais de seus usuários.

As unidades de informação – museus, bibliotecas, arquivos e outros centros de informação – são espaços onde os grupos sociais resguardam o conhecimento universal e local. São os locais denominados por Pierre Nora¹ de *lugares de memória*.

Os suportes de informação por si só são meros dados. A informação para ser assim considerada deve ser carregada de sentido. Por isso, objetos museológicos, documentos escritos ou iconográficos devem ser identificados e contextualizados no seu espaço-tempo para que sejam suportes para conhecimento. Uma das formas de identificar estes documentos é através do testemunho dos que viveram no mesmo espaço-tempo destes objetos, baseando-se em suas memórias para contextualizá-los. Estes relatos são fundamentais não só para auxiliar na identificação, mas também para confrontar as informações registradas em documentos oficiais, valorizados pela historiografia tradicional.

Contudo, o fenômeno da memória humana é bastante complexo: a memória é seletiva, oscila conforme a situação de sua evocação, é construída socialmente, é disputada em conflitos sociais. E a seleção dos elementos da memória também não é neutra, ainda que nem sempre intencional. Por isso, torna-se necessário um estudo sobre estes fenômenos da memória relacionados às práticas na Ciência da Informação.

O objeto deste estudo de caso é o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que consiste na identificação das fotografias pertencentes ao Arquivo Histórico do Instituto de Artes (AHIA) através do relato da comunidade

¹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP. São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

acadêmica ((ex)professores, (ex)alunos, (ex)funcionários) e da sociedade gaúcha, através do *software* livre *Coopermine* que permite ao usuário postar informações sobre cada fotografia.

Tendo como ponto de partida o *deficit* de estudos deste tipo na CI² e a teoria de que a memória é “flutuante e mutável” (POLLAK, 1992) o problema que se apresenta é de como o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do AHIA trata e sistematiza as informações fornecidas pela comunidade, sob o ponto de vista da Memória Social, considerando se há algum tipo de filtro para as informações postadas, como são tratadas as informações divergentes, forma de descrição e apresentação destas informações para o usuário. O profissional da informação pode ser considerado um agente ativo da construção da memória social? A partir destes questionamentos pretendeu-se estabelecer uma análise entre o método utilizado pelo AHIA e as teorias sobre memória social, baseado especialmente na obra de Michel Pollak e Jacques Le Goff, dois autores de bastante relevância nos estudos sobre este tema na contemporaneidade.

O estudo tem abordagem qualitativa e é de natureza exploratória. O método utilizado foi o bibliográfico, baseado em um estudo de caso. As fontes para descrição e análise do referido Projeto foi o documento que o originou, a monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação à Distância de Especialização em Gestão em Arquivos (GOULART, 2010) e para complementar as informações a respeito da prática, bem como para o conhecimento de seus resultados, foi realizada uma entrevista não estruturada com a idealizadora e coordenadora do Projeto, a arquivista Medianeira Pereira Goulart. A entrevista não foi anexada neste trabalho por considerar-se que se trata de um documento gerado pela entrevistadora e pela depoente com um objetivo específico, e a não publicação evita o uso das informações por terceiros de maneira descontextualizada. Foi anexada a carta de cessão de direitos autorais (Ver: ANEXO D).

O presente trabalho foi estruturado partindo da contextualização teórica sobre a Ciência da Informação seguida dos estudos sobre a Memória Social. Este último foi apresentado primeiramente com a evolução do pensamento científico social,

² Conforme a conclusão da pesquisa de Oliveira e Rodrigues sobre a ocorrência do tema memória na produção científica brasileira na área da CI. Ver: OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009. Disponível em: < www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso em: 30 set 2009.

depois apresentando em dois subcapítulos as teorias de Jacques Le Goff e Michel Pollak, que descrevem suas teorias nas obras traduzidas para a língua portuguesa, respectivamente, *História e Memória* e *Memória e Identidade Social e Memória, Esquecimento, Silêncio*. No terceiro subcapítulo estabeleceu-se a relação entre a fotografia e a memória.

O terceiro capítulo contextualizou o objeto deste estudo de caso, o AHIA, e descreveu o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do IA, onde já se iniciou a análise de suas práticas relacionadas às problemáticas que envolvem a construção e a manutenção da memória coletiva.

O quarto capítulo apresentou uma reflexão sobre a teoria aliada à prática, questionando e tentando responder aos problemas colocados, tais como a legitimidade da memória como fonte de informação e o papel do profissional da informação neste contexto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Apresenta-se o referencial teórico para este estudo, no âmbito da Ciência da Informação e da Memória Social.

2.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação (CI), como toda ciência, foi desenvolvida para atender uma demanda social, a da chamada Sociedade da Informação ou do Conhecimento. O seu objeto de estudo é a informação; sua natureza, gênese e efeito, bem como os seus processos de construção, comunicação e uso.

No entanto, trata-se de uma ciência nova, conceituada na década de 60 do século passado, por tanto, ainda em construção.

2.1.1 Histórico da Ciência da Informação

Após a II Guerra Mundial o cenário global apresentou uma transformação de ordem paradigmática: as relações econômico-sociais passaram de industriais para informacionais. Esta transformação se deu com a *explosão informacional* ocorrida com a chamada *Revolução Científica*, através das crescentes publicações das pesquisas técnico-científicas, e com o desenvolvimento de tecnologias de informação (SARACEVIC, 1996).

Em 1945, Vannevar Bush identificou o problema da crescente quantidade de informação. Percebeu a importância da informação como estratégia política, e apontou a necessidade de um sistema para torná-la mais acessível. Para isso, apresentou como solução o uso da tecnologia incipiente propondo uma máquina (MEMEX) que pretendia associar ideias artificialmente. Embora o cientista não tenha levado o projeto adiante, seus estudos estimularam a continuidade da investigação desta matéria por outros pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. (SARACEVIC, 1996; OLIVEIRA, 2005; ARRUDA, 2009). Esta preocupação com a organização e acesso à informação não foi uma preocupação exclusiva deste período. Desde os primeiros registros humanos (tabletes de barro, pergaminhos etc.) houve a preocupação do homem em conservar e organizar o conhecimento registrado. No entanto, com o crescimento do número de documentos gerados esta

organização e a recuperação da informação tornaram-se um desafio. Aponta-se como exemplo a iniciativa da criação de uma biblioteca universal de referência de informação científica elaborada por Paul Otlet e Henri La Fontaine no final do século XIX. No entanto, o que caracteriza este novo contexto da Sociedade da Informação é a tecnologia empregada com o desenvolvimento da informática, e as novas relações da sociedade com a informação.

Entre as décadas de 40 e 60, além do trabalho de Bush, vários foram os movimentos que demonstram a valorização da informação científica e deram força a esta ciência em gestação (CI), tanto nos EUA como na extinta URSS e na Europa. Dentre eles destacam-se:

[a criação do] Instituto Internacional de Bibliografia, que veio a transformar-se em Federação Internacional de Documentação – FID -, e nos Estados Unidos, onde os indícios, também antigos, se concretizam em 1937, com a criação do American Documentation Institute – ADI -, a publicação do Journal of Documentation, lançado na Grã Bretanha (ainda em circulação), e do artigo As we may think, do americano Vannevar Bush, ambos em 1945; a Conferência de Informação Científica da Royal Society, realizada em Londres, com quase 500 participantes, em 1948; a publicação do American Documentation, nos Estados Unidos, e do Nachrichten für Dokumentation, na Alemanha, ambos em 1950 e até hoje relevantes periódicos da área. Na URSS, o principal indício é a criação, em 1952, do VINITI – Vserossiisky Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatzii [...] (FREIRE, 2006, p..11)

A citação de Freire (2006) reforça a sentença de Saracevic (1966) de que, apesar de os EUA estarem em uma posição de destaque tanto na produção científica como tecnológica, o fenômeno informacional bem como o desenvolvimento da CI foram um fenômeno global.

No Brasil, um dos marcos do estabelecimento da CI foi a criação do IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação) em 1954. Este instituto estava ligado ao Conselho Nacional de Pesquisa, hoje o CNPq, órgão que incentiva o desenvolvimento tecnológico brasileiro. Dentre as contribuições deste Instituto estão os levantamentos bibliográficos e a elaboração de bibliografias especializada; a criação do CNN (Catálogo Nacional de Publicações Periódicas), além de oferecer cursos para bibliotecários sobre informação científica. Esta foi a gênese da CI brasileira, que ainda hoje se apresenta incipiente. (ANDRADE; OLIVEIRA, 2005).

2.1.2 Conceitos da Ciência da Informação

A Ciência da Informação é uma ciência ainda em desenvolvimento, por isso, ainda apresenta alguma fragilidade teórica. Primeiramente, é preciso conceituar a própria *informação*, já que é elemento essencial de toda atividade humana e por isso, objeto de pesquisa de outras áreas científicas, assumindo diversas facetas.

Oliveira (2005, p.18) coloca que a informação na ótica da CI é uma representação do conhecimento, que por seu turno é a representação da realidade, ou seja, a informação é a representação da representação, por essa razão é algo complexo, flexível, cuja importância é dada pelo seu usuário.

Para Le Coadic (1996, p.5), a informação é um conhecimento – como capacidade de formar ideia sobre alguma coisa – inscrito sob forma escrita, oral ou audiovisual. Informação é aquilo que se pode apreender e significar. É uma mensagem inscrita em um suporte espaço-temporal.

Pinheiro, (1997 apud Oliveira, 2005, p.19) faz uma compilação de vários autores para elencar os principais atributos da informação:

- a) informação tem efeito de transformar ou reforçar o que já conhecido pelas pessoas que as acessam;
- b) é usada como coadjuvante na tomada de decisão;
- c) é a liberdade de escolha na seleção de uma mensagem;
- d) é matéria-prima de onde deriva o conhecimento;
- e) é trocada com o mundo exterior e não meramente recebida;
- f) pode ser definida em termos do seu recebimento pelo receptor.

Percebe-se neste elenco uma abrangência maior do que foi dada por Le Coadic, por exemplo, que resume a informação ao dado significado, difundido em algum suporte (material e imaterial). E são estas diferenças do entendimento da informação que acaba por refletir em diferentes conceitos de Ciência da Informação.

Então, a definição de CI dada por Borko, em 1968 foi:

a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso. A CI está ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação... Ela tem tanto um componente de ciência pura, através da pesquisa dos fundamentos, sem atentar para sua aplicação, quanto um componente de ciência aplicada, ao desenvolver produtos e serviços. (BORKO, 1968 apud SARACEVIC, 1996, p.45)

Nos anos 90 Le Coadic e Saracevic assim a definem, respectivamente: a CI tem por objeto de estudo "as propriedades gerais da informação (natureza, gênese e efeito), dos processos e sistemas de construção, comunicação e uso desta informação." (LE COADIC, 1996, p.56). Para Saracevic:

"A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais." (SARACEVIC, 1996, p.47) Grifo do autor.

A principal mudança observada ao longo do tempo no que se refere ao aporte teórico da CI está no foco das necessidades humanas do uso da informação e menos no desenvolvimento de máquinas e da tecnologia da informação por si só. (SARACEVIC, 1996; ARRUDA, 2009).

Uma das principais práticas e conceitos da CI é a recuperação da informação. Este termo Recuperação da Informação (RI) foi cunhado em 1951 por Mooers que definiu suas funções: a RI "engloba os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação." (MOOERS, 1951 apud SARACEVIC, 1996, p.44). Ela ocupa-se da descrição da informação, da busca (processo intelectual) e das ferramentas adequadas para que ambas sejam aplicadas (tecnologia da informação). A RI não é o único componente do desenvolvimento da CI, mas é um dos mais importantes e vem tomando novas formas desde a década de 70 com o foco de sua aplicação nas necessidades dos usuários e suas interações. Toda ciência suscita dos problemas que coloca e ainda hoje a CI busca responder a três questões básicas, concebidas por Mooers (1951) no contexto da RI (SARACEVIC, 1996, p.44):

- a) como descrever intelectualmente a informação?
- b) como especificar intelectualmente a busca?
- c) que sistemas, técnicas ou máquinas devem ser empregados?

2.1.3 Características da Ciência da Informação

A CI é um campo científico constituído do envolvimento de pesquisadores de áreas distintas, tais como e principalmente da Biblioteconomia, da Ciência da Computação, das Ciências Cognitivas e da Comunicação. (SARACEVIC, 1996, p.48). Neste contexto está colocada a característica mais marcante da Ciência da Informação: a interdisciplinaridade que, segundo Gondar, ocorre quando

tem-se igualmente um mesmo tema sendo trabalhado por disciplinas distintas, porém os discursos acerca deste tema são postos em diálogo. A idéia central é de que o universo dos saberes devem ser democrático: busca-se administra-se a paridade dos participantes e procura-se dar ao debata o horizonte do consenso. [...] (GONDAR, 2005, p.14)

Contudo, é justamente esta característica que dificulta um consenso teórico e conceitual para a CI. A autora supracitada traz a sentença de Deleuze e Gattari (apud GONDAR, 2005, p.14) que confirma o problema: “a idéia de uma conversação democrática ocidental entre amigos não produziu nunca o menor conceito.”

Outra característica importante da CI é que ela é uma ciência social. (LE COADIC, 1996) Diferentemente da Ciência da Computação, cujo objeto de estudo também é a informação, a CI trata da informação na sua relação com as pessoas, para suprir suas necessidades informacionais, para seu desenvolvimento nas esferas sociais e culturais. A relação das disciplinas científicas já citadas, além de outras bastante relevantes como a Lingüística, a Sociologia, a Filosofia, a Economia etc., deram-lhe o *status* de ciência e inseriram-na nesta esfera social.

Sendo a informação tão dinâmica quanto as relações sociais, já que é uma representação, a ciência da informação não se apresenta estática. A sua ligação com a tecnologia também a torna extremamente dinâmica com a constante evolução das ferramentas de recuperação: ela passou do cartão perfurado, para o CD-Rom e ao acesso *on-line*; passou das interfaces mais carrancudas às mais inteligentes e atrativas.

2.1.4 Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia

No Brasil tem havido um esforço em âmbito acadêmico para a integração da Biblioteconomia, da Museologia e da Arquivologia como disciplinas da Ciência da

Informação. Esta integração ainda apresenta alguma fragilidade nas suas bases teóricas e epistemológicas e, para minimizar esta deficiência, o principal desafio colocado é

coniliar os pontos comuns, os diálogos e as relações entre as áreas com a manutenção das especificidades de cada uma. Ou seja, a questão que perpassa a realidade das universidades que contemplam essas áreas no espaço da Ciência da Informação parece ser “casar” seus aspectos comuns, de forma flexível e articulada, com suas relativas autonomias, aprofundando suas relações teóricas e epistemológicas. (ARAÚJO; MARQUES; VANZ, 2011, p.86)

A vinculação destas três áreas no âmbito da CI está expressa em Borko (1968 apud ARRUDA, 2009, p.34) que entendia a Biblioteconomia e a Documentação como disciplinas aplicadas da CI; no documento³ publicado pelo CNPq – órgão financiador de pesquisas no Brasil considera a CI um campo amplo de investigação ligado à produção, organização, difusão e utilização da informação em todos os campos do saber, enquanto que a Biblioteconomia e a Arquivologia são consideradas suas disciplinas aplicadas; a Museologia se caracteriza como a disciplina mais distante da CI, ainda comumente subordinada a outros departamentos acadêmicos, tais quais Belas Artes, Antropologia e História. No entanto, é considerado como um marco na integração dela às outras disciplinas “a realização do I Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus (INTEGRAR), ocorrido em São Paulo, no ano de 2002” (ARAÚJO; MARQUES; VANZ, 2011, p.87).

Como foi colocado pelas autoras supracitadas é preciso levar em consideração as peculiaridades de cada uma destas disciplinas. Pode-se apontar algumas destas especialidades: a Biblioteconomia ocupa-se da disponibilização da informação substantiva sobre o universo do conhecimento, enquanto que a Arquivologia trabalha com a informação produzida por pessoa física ou jurídica para a realização de alguma atividade. (CNPq, 1883 apud OLIVEIRA 2005, p.17). A Biblioteconomia trata o documento de maneira isolada, devido a natureza do material bibliográfico, enquanto a Arquivologia trata os documentos relacionando-os entre si, por sua natureza de origem, gerados no cumprimento de dada função; a Museologia, se aproxima desta última por resguarda objetos “isolados e com características únicas” (MARTINEZ, 2009, p.15). Desta forma, museus e arquivos

³ CNPq. **Avaliação e Perspectiva.82**. Brasília: Coordenação Editorial, 1983.

necessitam contextualizar seus documentos, coletando dados sobre sua origem. Em bibliotecas este procedimento não é comum e se dá em situações especiais, por exemplo, no caso de acervos de obras raras ou de coleções especiais.

Ainda que se preservem as características próprias de cada uma das áreas, as três apóiam-se em um mesmo objetivo, a gestão da informação para o desenvolvimento sociocultural através de seus acervos e seus serviços. Por isso, torna-se tão necessário uma reflexão conjunta sobre suas teorias e práticas.

2.2 MEMÓRIA

A memória, em sua definição mais geral, é a faculdade de reter as idéias adquiridas anteriormente; é lembrança, recordação, reminiscência (RIOS, 2009). Assim como a Ciência da Informação, a Memória é objeto de estudo de várias áreas científicas, no entanto, caracteristicamente transdisciplinar. A transdisciplinaridade nas ciências propõe

por em xeque a disjunção entre as disciplinas, valorizando pesquisas capazes de atravessar os domínios separados. A idéia não é reunir conteúdos, mas produzir efeitos de transversalidade entre os diversos saberes. [...] O objeto transdisciplinar não é comum a diferentes disciplinas; ele é criado como um novo objeto, de maneira transversal, quando problemas até então eram próprios de um campo de saber atravessam seus limites e fecundam outros. (GONDAR, 2005, p.14-15)

A memória é objeto de estudo, principalmente, da Neurociência, das Ciências Biológicas, da Linguística, da Psicologia, das Ciências Históricas e Sociais.

Para o presente estudo a abordagem de interesse é da área das ciências sociais, com a chamada Memória Social. Os subcapítulos a seguir estão estruturados com uma breve introdução sobre o que é como se caracteriza a evolução dos estudos sobre a Memória Social nas ciências sociais, e os próximos dois subcapítulos apresentam as ideias extraídas dos trabalhos de dois autores que serão base teórica para a análise da memória social aplicada ao estudo de caso. O primeiro é a obra de Jacques Le Goff, historiador francês; e o segundo é Michel Pollak, sociólogo radicado na França.

2.2.1 Memória Social

Myrian Sepúlveda dos Santos (2003) apresenta um histórico das abordagens sobre a memória que influenciaram as ciências sociais. O filósofo Henri Bergson, no final do século XIX, foi o primeiro a identificar a matéria como um dos componentes da memória, ao contrário dos pensadores da antiguidade que tratavam a memória como um elemento espiritual. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p.220). No entanto, Bergson limitava seu estudo sobre a memória somente sob a perspectiva do indivíduo. Aluno de Bergson, Maurice Halbwachs, no campo da Sociologia, superou seus estudos sobre a memória individual, constatando que ela é o produto do presente para manter a sociedade coerente e unida, portanto um fenômeno social.

Apontou a “anterioridade da determinação de ideias sustentadas coletivamente sobre pensamentos e atitudes individuais” (HALBWACHS, 1994 apud SANTOS, 2003, p.21). Fruto da influência dos estudos de Emile Durkheim, sociólogo positivista, elaborou a teoria sobre os “Quadros Sociais”.

No campo da Psicologia Social, paralelamente aos estudos de Halbwachs, Frederic Bartlett apresentava conceitos para explicar os processos mentais para a constituição da memória a partir das interações sociais, que seriam responsáveis pelo ato de lembrar e esquecer. (SANTOS, 2003, p.22).

O pensamento social baseou-se nestes dois últimos estudos para fundamentar os estudos sobre a memória coletiva, contudo estes estudos apresentam limitações consideráveis, aproximando-se das teorias funcionalista, já que se punham a observar o conteúdo da memória somente na relação social com o presente. A partir da década de 70 do século passado, os pesquisadores passaram a reler o trabalho de Halbachs e Bartlett sob a perspectiva estruturalista, de forma a observar a memória a partir de suas “estruturas coletivas, processos interativos, práticas reflexivas e construções sociais” (ibid, p.23). Estes estudos denunciam as abordagens focadas nas histórias e memórias oficiais e passam a compreender a pluralidade de memórias constituídas a partir de conceitos sociológicos mais flexíveis.

Frequentemente, também figuram nas análises contemporâneas a ideia da memória social como uma construção simbólica, o que ajuda a superar as abordagens dos conceitos estáticos sobre memória individual *versus* memória coletiva. Segundo a autora “este novo paradigma passa a compreender a memória como parte constitutiva das práticas reflexivas ou das construções sociais analisadas.” (ibid, p.24)

2.2.1.1 Memória como instrumento de controle social

Um dos estudos referenciais desta pesquisa é o de Jacques Le Goff (1990) com o capítulo intitulado *Memória*, da obra *História e Memória*, que aborda a evolução do estudo da memória no campo da História, bem como as problemáticas impostas na constituição da memória social. “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente

aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” (LE GOFF, 1990, p.369)

O autor introduz o capítulo justificando a importância da investigação da memória em âmbito social. Os estudos contemporâneos que tratam tanto dos aspectos físicos como psicológicos da memória apontam a importância da organização dos vestígios (reminiscências) para a constituição da memória. Isso induz à necessidade de estudos sobre o fenômeno da memória social já que a vida em sociedade é um dos elementos desta organização dos vestígios. Neste contexto, a comunicação tem fator essencial, tendo em vista que a narrativa constitui e organiza logicamente as ideias. Outro fator importante e antecedente, é a própria linguagem pois, a partir da escrita, as memórias ultrapassam os limites do corpo e são registrados em documentos que passam a constituir bibliotecas, arquivos, etc. (Ibid, p.366)

As teorias que se baseavam em ideias sobre a mecanicidade da memória foram abandonadas, dando lugar a toda uma organização complexa de releitura destes vestígios. Os aparatos perceptivo-cognitivo são considerados para a organização dos vestígios, sendo o “comportamento narrativo”⁴ um dos elementos essenciais desta organização.

Os problemas relacionados à memória, perturbações e esquecimento, também devem ser observados sob o ponto de vista das ciências sociais, já que, assim como no nível individual estes problemas resultam em perda da identidade, este fenômeno também ocorre com a memória de um povo. (ibid, p.367) A memória coletiva foi posta em jogo na luta das forças sociais pelo poder, pois “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.” (ibid, p.368)

O esquema de Le Goff para o estudo da evolução da memória social foi dividida em cinco partes: a memória étnica das sociedades orais; o desenvolvimento da memória na transição da oralidade à escrita, da Pré-História à Antiguidade; a memória medieval em equilíbrio entre a oralidade e a escrita; o progresso da escrita do século XVI aos nossos dias e, finalmente, os desenvolvimentos atuais da memória. (ibid, p.369). Como serão reproduzidos a seguir.

⁴ Termo cunhado por Pierre Janet, citado por Le Goff (1990, p.367).

O que caracteriza o interesse da memória coletiva nas sociedades sem escrita é o mito fundador dos grupos (família, etnias etc.); a manutenção do prestígio das famílias dominantes através da genealogia transmitida oralmente; o saber técnico, a “memória técnica” também ligada à magia religiosa. (ibid, p.372)

Com o surgimento da escrita, a memória coletiva teve uma evolução em dois sentidos: primeiro com a comemoração, através de monumentos que cristalizam grandes feitos e segundo o documento⁵, suporte destinado especificamente para a escrita, que apresenta dois objetivos:

Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro”; a outra, "ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual", permite "reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas. [GOODY, 1977 apud LE GOFF, 1990, p.374].

Este mesmo autor citado por Le Goff aponta que a escrita revolucionou não só a questão da memória artificial, mas também oportunizou o desenvolvimento de uma nova aptidão intelectual dos indivíduos através da mnemotécnica (decorar palavra por palavra). E afirmou ainda que,

No coração desta nova atividade do espírito, Goody coloca a *lista*, a sucessão de palavras, de conceitos, de gestos, de operações a efetuar numa certa *ordem* e que permite "descontextualizar" e "recontextualizar" um dado verbal, segundo uma "recodificação lingüística" (LE GOFF, 1990, p.376) Grifo do autor.

Os gregos arcaicos criaram uma divindade para a memória, a *Mnemosine*, tratando-se de um processo de divinização mitológica para este fenômeno. Já na Antiguidade Clássica, com Sócrates e Platão, a memória foi laicizada, no entanto, foi considerada um componente da alma, sem relacionar-se com o intelecto.

⁵ O conceito de documento na obra de Le Goff refere-se ao ponto de vista do historiador. O autor coloca: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (LE GOFF, 1990, p.470). Na CI, segundo trata Le Coadic, o documento é tudo o que “[...] representa ou exprime com a ajuda de sinais gráficos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras e símbolos)”. (LE COADIC, 1996, p.17). Pode-se inferir que para a CI o documento é o suporte da informação (passível de ser codificada, de formar idéia sobre alguma coisa). Neste trabalho usa-se o conceito de documento proveniente da CI.

A memória na Idade Média sofreu outra profunda transformação quando o cristianismo passa a ser a religião e a ideologia dominante e o poder do intelecto passou para as mãos de poucos.

As religiões judaico-cristãs podem ser consideradas como “religiões de recordação”, tendo em vista que se mantém, através do ato de recordar, os atos de salvação, as palavras do Salvador, bem como no conhecer os escritos religiosos. A memória deste período passa a basear-se mais fortemente na escrita, embora ainda haja um equilíbrio com a oralidade. Negar a experiência temporal é uma das práticas da memória deste período. (LE GOFF, 1990, p.384)

No que se refere ao esquecimento, as figuras dominantes a praticavam para a manutenção da ideologia cristã⁶.

A forma de saber, durante o período medieval, era o ato de decorar. Tomás de Aquino elaborou, baseado nas questões clássicas sobre *as imagens* e *os lugares* na memória, três regras básicas para a constituição da memória artificial: 1) é necessário encontrar simulacros na realidade sobre as coisas que precisa recordar. A imagem neste contexto é matéria essencial. 2) dispor, em uma ordem calculada, as coisas como se sucedem e devem ser lembradas. 3) meditar com frequência sobre o que se quer recordar. Esta técnica influenciou teóricos da memória, teólogos, pedagogos e artistas da época. (ibid, p.393)

No período da Renascença, a imprensa revoluciona lentamente a memória ocidental, que, segundo Leroy-Gourhan (1964-5 apud Le Goff, 1990, p.394) o leitor foi colocado à frente de uma memória coletiva enorme, cuja matéria já não possibilitava mais a memorização palavra a palavra. Aí se apresenta o declínio da arte da memória, a mnemotécnica, bem como se diminuiu o fenômeno da memória individual. A memória técnica (dos ofícios) torna-se exteriorizada através da escrita, em dicionários e enciclopédias.

E neste contexto manifesta-se um dos problemas relacionados: a manipulação da memória coletiva segundo os interesses de quem está no poder: fatos e números são omitidos ou alterados para manipular a memória coletiva. (ibid, p.399)

⁶ Assim como também a prática de queimar escritos clássicos ou como de impedir o acesso aos livros ditos proibidos, configura-se como um ato de provocar o esquecimento e de manter o poder pela ideologia. Ver a obra de Umberto Eco “O Nome da Rosa”.

Nos séculos XIX e XX retorna a valorização dos monumentos aos mortos, como no exemplo da II Guerra Mundial. A fotografia foi o recurso de revolucionário da memória deste período: ela dá precisão ao fato (relação com a verdade) e permite representação cronológica.

E, finalmente, Le Goff entra no domínio do desenvolvimento contemporâneo da memória, a partir dos anos 50, com a criação do computador e da memória eletrônica. As questões que marcam a memória com esta criação são, primeiramente, o fato da criação de uma máquina para armazenar dados e segundo, como se recupera esta informação de forma exata, diferentemente da memória humana que é complexa e instável.

Dois efeitos foram observados com o desenvolvimento da informática: a revolução da história com o crescimento documental e com a possibilidade de armazenamento de dados e “o efeito ‘metafórico’ da extensão do conceito de memória e da importância da influência, por analogia, da memória eletrônica sobre outros tipos de memória.” (ibid, p.404) O autor utiliza a biologia como exemplo, em como a memória foi aplicada nesta área com a habilidade das células e da genética em “memorizar” as características da hereditariedade ou mesmo a memória das características das espécies.

Nos séculos XIX e XX o que se evidencia são os estudos da memória nos campos da filosofia e da literatura. Maurice Halbwachs influencia com seus estudos, a relação da memória com o romantismo na literatura, a exemplo de Michel Proust com sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*. Outro foco de investigação deste período é a relação entre a memória e o sonho, com Freud, inferindo que o sonho não está ligado à memória consciente, mas sim, com a memória latente, com as vivências da infância.

Por seu turno, a memória coletiva sofreu grandes transformações com as ciências sociais. A Sociologia incentivou a conceituação de memória e de tempo, com Halbwachs. A Psicologia Social traz sua colaboração na relação da memória com o comportamento e com as mentalidades. A Antropologia analisa a memória com as sociedades ‘selvagens’. Com Pierre Nora a memória e a história tomam seus devidos lugares. A “nova história” é produto deste novo olhar sobre as memórias coletivas.

História que fermenta a partir do estudo dos "lugares" da memória coletiva. "Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história". Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: 'Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória'. (LE GOFF, 1990, p. 408).

A história de vida, constituída através da memória individual, com a metodologia da história oral, ganha seu lugar de destaque em meados do século passado.

Uma nova concepção historiográfica daí resultou, a história da história "que, de fato, é na maioria das vezes o estudo da manipulação pela memória coletiva de um fenômeno histórico que só a história tradicional tinha até então estudado." (LE GOFF, 1990, p.409).

Le Goff conclui o capítulo sobre a memória colocando que a memória social ou coletiva faz parte das grandes sociedades desenvolvidas, das classes dominantes e das dominadas. A questão da identidade tanto individual quanto coletiva é produto da memória, e ela é objeto de poder. E convoca os cientistas a democratizar a memória social.

2.2.1.2 Dinâmicas da memória social: vivência, enquadramento, silêncio

O segundo autor de bastante relevância para este estudo é o sociólogo Michael Pollak. Dois trabalhos seus servirão para embasamento: *Memória e Identidade Social* (1987), transcrição de uma palestra proferida no Brasil sobre a ligação entre memória e identidade social e outro artigo intitulado *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989).

A partir de estudos e da observação do comportamento social, Pollak (1987) afirma que as lembranças sobre fatos passados de uma nação estão mais ligadas a uma memória construída do que a realidade do fato vivido. A memória coletiva, *a priori*, parece um fenômeno individual, no entanto, trata-se de uma construção social, coletiva, submetida a transformações constantes. Deve-se notar também que ainda que esta característica mutável da memória esteja presente tanto no nível

individual como coletivo estas memórias apresentam marcos imutáveis, fatos solidificados na memória, e isso fica bastante evidente em histórias de vida.

O autor aponta os elementos constitutivos da memória: 1) os acontecimentos vividos pessoalmente; 2) os acontecimentos vividos “por tabela”; 3) pessoas e personagens; 4) lugares de memória. Os acontecimentos vividos “por tabela” constituem-se de fatos vividos pela comunidade ou grupo a que a pessoa sente-se pertencente, e que o fato vivido pelo grupo toma tamanho relevo que é quase impossível o indivíduo distinguir se esteve presente ou não. Já os lugares de memória são os marcos locais, mas não necessariamente temporais. No caso da memória de grupo, monumentos ou locais de comemoração são locais onde a memória dos acontecimentos vividos pelo indivíduo ou vivido por tabela apóia-se.

Pode ocorrer na memória o fenômeno da projeção ou transferência. Ela se dá quando um fato ocorrido é projetado em outra situação. Pollak exemplifica com os indivíduos que viveram a invasão da Normandia pelos alemães durante a II Guerra Mundial que lembravam os capacetes pontudos, tipicamente prussianos, da I Guerra Mundial. Outro problema de consistência da memória está relacionado com o vestígio datado. Datas relacionadas à vida pública e privada podem confundir-se. Pode haver também uma supressão de certas datas ligadas à coletividade, conscientes ou não, a fim de valorizar marcos de interesse para a constituição da identidade social. Em suma, a data dos acontecimentos também é um fator flutuante da memória.

Retomando os fatores já citados, o autor sentencia: a memória é seletiva. Nem tudo fica registrado. Ela é um fenômeno construído no momento e no contexto em que é articulada. Ela sofre flutuações. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1987, p.4). A solidificação ocorre mais com a memória coletiva através das comemorações, mas também pode apresentar traços de flutuação:

Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de luta importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória do povo. (POLLAK, 1987, p.4)

As memórias individuais e coletivas são constitutivas da identidade, da ideia da imagem que se faz de si em relação aos outros. Baseado na psicologia social, o autor aponta três elementos essenciais para a construção da identidade: 1) unidade física (fronteiras corpo, do grupo etc.) 2) a continuidade no tempo 3) sentimento de coerência. “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.” (POLLAK, 1987, p.5)

Na possibilidade do confronto entre a memória individual e a dos outros, demonstra-se que “a memória e as identidades são disputadas em conflitos sociais e intergrupais.” (idem, p.5), principalmente ligados à família, a grupos políticos e outros menos organizados.

O enquadramento da memória é outra questão da constituição da memória social, produzida, em parte, pelos historiadores. É um fenômeno praticado por grupos no contexto da disputa da memória. O autor aponta que “este fenômeno é mais claramente acentuado em países cuja unificação se deu tardiamente, e onde a ciência histórica tinha uma tarefa de unificação e manutenção da unidade”. (POLLAK, 1987, p.7). Consiste então, no disciplinamento da memória pelo historiador. E há também o “trabalho próprio da memória em si” (idem, p.7); em que há um esforço na manutenção, na coerência e na unidade da memória já constituída.

Quando a memória e a identidade coletiva estão bem constituídas, quando elas trabalham por si, Pollak considera como período calmo, onde a “arrumação” e a manutenção da memória não representam uma preocupação do grupo. Assim sendo, o autor encerra a palestra lançando a questão: por que houve um novo interesse dos cientistas sobre a constituição da memória e da identidade e pela história oral?

No artigo de 1989, *Memória, Esquecimento, Silêncio* o autor apresenta um comparativo entre a perspectiva teórica de Maurice Halbwachs, de orientação positivista durkheimiana, com os estudos atuais, construtivistas. Para o primeiro, a memória coletiva tem um papel de coesão social, por adesão afetiva, considerando a nação a forma mais acabada de grupo e a memória nacional a forma mais completa de memória coletiva. Para este estudioso a seleção da memória é estabelecida através da negociação para a conciliação entre memória coletiva e a

individual. A memória coletiva estrutura-se em pontos de referência como os monumentos, o patrimônio arquitetônico, a paisagem, datas e personagens.

Já na perspectiva construtivista o que está em foco são “os processos e atores que intervêm no trabalho de constituição de formalização das memórias.” (POLLAK, 1989, p.5). Além disso, privilegia a história das minorias, dos marginalizados, em oposição da “memória oficial” nacional. Ela “acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (idem, p.6), contrariando o pensamento de Halbwachs.

Essas memórias marginais afloram em momentos de crise e são pivôs de disputas. Através de três exemplos na história (crimes stalinistas; recrutados a força alsacianos; os deportados dos campos de concentração), Pollak demonstra que o silêncio da memória pode ocorrer por diferentes razões e que este silêncio é resultado de uma negociação. Silêncio induzido por proibição dos grupos que estão no poder, ou por ser vergonhosa para o grupo, ou por ser “indizíveis”, por exemplo. Estas memórias permanecem na clandestinidade e são transmitidas no subterrâneo pelas famílias, em redes de sociabilidade afetivas ou políticas.

Por outro lado, existem fenômenos de esquecimento definitivo, consciente ou não, que o autor intitulou como “não-dito”. Ele não é estanque e está em perpétuo deslocamento. (idem, p. 8)

O estudo sobre as memórias coletivas implica, segundo o autor, a investigação de sua função, que se caracteriza com a coesão interna dos grupos e das instituições sociais, bem como a defesa das coisas que o grupo tem em comum, como o território, por exemplo. “Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referências.” (POLLAK, 1989, p.9) É um trabalho de enquadramento.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p.9)

O trabalho de enquadramento da memória efetua-se também na escolha de testemunhas – das testemunhas autorizadas para a manutenção da memória coletiva. Assim, como também o acesso aos arquivos pelos pesquisadores e a

seção de “historiadores da casa” (idem, p.10), podem reproduzir este enquadramento.

Além do discurso construído, a memória coletiva pode ser enquadrada por objetos materiais tais quais os monumentos, bibliotecas, museus etc.⁷ Os pontos de referências da memória podem caracterizar-se também pelo cheiro, pelas cores, pelos sons. Os filmes também são capazes de enquadrar não só por seu conteúdo, mas pelas emoções que podem suscitar. Os filmes-documentários e a televisão são eficazes na organização da memória coletiva, principalmente da memória nacional.

Assim como a “memória enquadrada”, a história oral também é suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Mas também assim, as variações de uma história de vida são limitadas. (idem, p.13)

Pollak apresenta vários exemplos de histórias de vidas de mulheres que viveram no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, constatando toda uma problemática resultante de situações traumáticas vividas coletivamente, como estas histórias de vidas são construídas para dar sentido de coerência, e de como os silêncios se estabelecem neste contexto de trauma: “É como se esse sofrimento exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispões nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado.” (POLLAK, 1989, p.14). E assim conclui o artigo.

2.2.2 Fotografia e Memória

A relação inicial entre fotografia e memória está na sentença de Philippe Dubois (2006, p.316), baseado em Frances Yates, de que a memória é constituída de imagens e que fotografia é um prolongamento da arte mnemônica da antiguidade. Ela pode ser considerada uma memória mecanizada.

Através da figura de Simônides, com o desenvolvimento da mnemotécnica, a antiguidade clássica grega fixou sobre a memória artificial

a distinção entre lugares e imagens, precisando o caráter ativo dessas imagens no processo de rememoração (*imagines agentes*) e formalizando a divisão entre memória das coisas (*memoria rerum*) e memória das palavras (*memoria verborum*). (LE GOFF, 1990, p.381)

⁷ Onde poderia ser incluída também a fotografia, como se pode ver no capítulo que segue, sobre a relação da fotografia e da memória. Nota da autora.

A fotografia foi inventada na década de 1830 por Niépce e Daguerre. A técnica foi inspirada no princípio da litogravura, consistindo na captura da imagem do ambiente em material sensível à luz. Esta criação impactou a sociedade em vários aspectos.

No século XIX a arte era representativa da realidade - naturalista. Os artistas faziam retratos de personalidades e da vida cotidiana da aristocracia. Quando da criação desta máquina houve uma crise entre os naturalistas, pois já não lhes cabia este papel de retratar a realidade, podendo voltar-se para um fazer artístico criativo, representativo da sensibilidade humana. (MAUAD, 1996)

Dubois trás à tona discussões teóricas sobre a fotografia e sua relação com a verdade: “existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico “presta contas do mundo com fidelidade,” (DUBOIS, 2006, p.25). Esta visão é decorrente do pensamento do início do século XIX, que entendia este procedimento técnico como neutro, o real livre da manipulação humana, documental, justamente o oposto da arte, como a subjetividade da pintura, por exemplo.

Vê-se este aspecto no uso documental da fotografia no reconhecimento de criminosos, na identificação social dos indivíduos através de sua utilização em documentos oficiais. No âmbito familiar, a fotografia era representativa de um modo de viver, “de uma riqueza perfeitamente representada através de objetos, poses e olhares.” (MAUAD, 1996, p.3)

Já no século XX os teóricos passam a tratar a *fotografia como a transformação do real*, influência do estruturalismo: são textos “que insurgem contra o discurso da mimese e da transparência, e sublinham que a foto é eminentemente codificada (sob todos os pontos de vista: técnico, cultural, sociológico, estético, etc.)” (DUBOIS, 2006, p.37). Mauad (1996) apresenta como exemplo desta concepção os estudos de Rudolf Arnheim, que segundo a autora colocava os problemas abaixo citados para comprovar a desnaturalização do fotografia em relação ao objeto retratado:

A fotografia é bidimensional, plana, com cores que em nada reproduzem a realidade (quando não é em preto e branco). Ela isola um determinado ponto no tempo e no espaço, acarretando a perda da dimensão processual do tempo vivido. É puramente visual, excluindo outras formas sensoriais, tais como o olfato e o tato. Enfim, a imagem fotográfica não guarda nenhuma característica própria à realidade das coisas. Vale lembrar que, uma desconstrução como a do realismo fotográfico, detém-se, exclusivamente, sobre os efeitos que os recursos da técnica fotográfica

exercem sobre a percepção, não considerando os aspectos de conteúdo da mensagem fotográfica. (MAUAD,1996, p.3)

A terceira e última concepção teórica citada é *a fotografia como traço do real* que supera este antagonismo de mimese *versus* ilusionismo. No entanto, o autor denuncia a tendência à queda dos teóricos na armadilha do *referencialismo*, que generaliza e *absolutiza* o princípio da “transferência da realidade” (p.49), inclusive incluindo os estudos de Roland Barthes neste contexto. Em síntese, os estudos desta corrente baseiam-se na ideia de índice, referenciado, principalmente, em Ch. S. Peirce:

A imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda. Sua realidade nada diz além de uma afirmação de existência. A foto é *em primeiro lugar índice*. Só *depois* ela *pode* tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo). (DUBOIS, 2006, p.53)

No que respeita a importância social da fotografia, Pierre Bourdieu trata do papel dos álbuns de família:

As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, 'ordem das estações' da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente.(BOURDIEU, 1965 apud LE GOFF, 1990, p.402)

Sentença esta que reafirma a construção da memória através de uma ordem lógica, em uma sequência que faça sentido para o indivíduo ou grupo, através de uma seleção, e que dá a devida importância à fotografia como instrumento de resgate e construção de memória e identidade.

O que se pode inferir com a leitura deste segundo capítulo é que a informação é a representação da realidade, é percepção, é significação; ela é complexa e flexível, visto que é percebida de maneira individualizada pelo receptor. E é em função do receptor que a Ciência da Informação e suas disciplinas aplicadas debruçam-se sobre ela. A fotografia, por sua vez, é índice – vestígio do fato – que passa a ser ícone quando o indivíduo compara a imagem com os ícones de sua realidade, e por fim torna-se símbolo, quando é significada, tornando-se assim informação. O papel das unidades de informação (bibliotecas, museus, arquivos) é de organizar e facilitar o acesso da informação adequada a seus usuários, por isso a importância em identificar as fotografias, localizá-las no seu tempo-espço,

contextualizá-las, para que sejam fontes de informação mais próximas da realidade de origem. A fotografia não é neutra, tão pouco a seleção do que será preservado nas instituições sociais.

O testemunho dos indivíduos que viveram o fato registrado, mesmo que por tabela, podem ser as vozes desta identificação. Mas para isso, é necessário que o profissional da informação deixe claro a sua fonte de informação, neste caso a memória – e que o pesquisador esteja ciente das problemáticas que envolvem este tipo de fonte: o que influencia a memória, o que a transforma e o que a deixa com esta característica tão flutuante. É preciso que o pesquisador conheça como a memória do grupo é construída nas relações sociais para um uso coerente das informações fornecidas.

3 O PROJETO DO AHIA : UM ESTUDO DE CASO

O ponto de partida para análise da memória como fonte de informação na CI é o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do IA. Este capítulo é destinado à identificação e contextualização do referido Projeto.

3.1 INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS

O Instituto de Artes (IA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi fundado em 22 de abril de 1908, com o nome de Instituto de Belas Artes (IBA). Foi fundado e dirigido inicialmente por uma comissão de intelectuais oriunda de um projeto constituído pelos Cursos Superiores Livres, criados em Porto Alegre, durante a Primeira República⁸ (SIMON, 2003). Em 1909 e 1910, respectivamente, o IBA foi composto pelo Conservatório de Música e pela Escola de Artes.

Neste período o IBA era administrado com bastante liberdade pela Comissão Central do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul⁹ (CC-ILBA-RS). Em 1934 o IBA foi integrado a outros cursos, dando origem à UPA (Universidade de Porto Alegre) e a autonomia antes praticada pela CC-ILBRA-RS foi limitada, devido ao modelo intervencionista do Estado Novo. (SIMON, 2003, p.111)

Em 1936 o Conservatório de Música e a Escola de Artes passaram a denominar-se Curso de Artes Plásticas e Curso de Música, resultado da “institucionalização das Artes Plásticas dos cursos superiores nas normativas que exigia o novo paradigma universitário.” (SIMON, 2003, p.69)

Em 1939 o IBA é desvinculado da UPA, vindo, em 1962, a ser integrado à UFRGS e passando a chamar-se Escola de Artes. Neste ano ainda é aprovada a criação de dos cursos técnicos de Arquitetura e Artes Plásticas.

⁸ Para maiores informações sobre o contexto histórico, social e político para a constituição da Instituto de Artes, bem como sobre o sistema de arte do Rio Grande do Sul, consultar a tese de doutorado de Círio Simon (SIMON, 2003).

⁹ A ILBA-RS era a mantenedora do Conservatório de Música e da Escola de Artes. (SIMON, 2003, p.19).

A Reitoria da UFRGS, em 1970, determinou que a Escola de Artes passasse a chamar-se Instituto Central de Artes, criando, assim, os departamentos de Arte Dramática (DAD), Artes Visuais (DAV) e Música (DEMUS). (GOULART, 2010, p.20)

No período de sua criação até meados dos anos 50, o IA foi um grande gerador de eventos sociais através de exposição artísticas, recitais musicais, e artes cênicas (a partir dos anos 50), caracterizando a forte ligação desta instituição com a sociedade gaúcha. (GOULART, 2012)

O IA é composto hoje pelos Departamentos de Artes Visuais, de Artes Dramáticas e de Música, bem como pelos Programas de Pós-Graduação em Música, Artes Visuais e Cênicas. E seu diretor descreve sua importância:

o Instituto de Artes da UFRGS é hoje uma das mais tradicionais escolas de Artes do Brasil. Em mais de cem anos de atividades, as ações concretas e as práticas simbólicas dos artistas e professores vinculados ao Instituto de Artes representaram e representam parte essencial do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul, organizando e fomentando o saber artístico através do ensino e da pesquisa, democratizando o acesso à cultura pelas atividades de Extensão, contribuindo para a preservação da memória da arte gaúcha e incentivando os estudantes a trilhar novas veredas estéticas. (NICOLAIEWSKI, [2012?])

Em 2010 foi inaugurado o curso de graduação em História da Arte.

3.2 ARQUIVO HISTÓRICO DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS

Toda a produção documental do IA era guardada no subsolo do prédio da instituição, sem qualquer tratamento e sob o risco de deteriorização. Em 1997, quando o pesquisador Círio Simon desenvolvia sua pesquisa de doutorado sobre o IA¹⁰, foi identificada a aceleração dos danos a estes documentos, que representam o testemunho da evolução cultural e artística do Estado. (GOULART, 2010, p.21).

Em 1999, a direção do IA, com o apoio da Reitoria da UFRGS, transferiu o acervo documental para duas salas do prédio do Instituto de Ciências Básicas de Saúde, no campus central da UFRGS. Então em 2000 foram iniciados os projetos para um tratamento adequado deste acervo, sob os preceitos da Arquivologia, através da contratação de uma arquivista, da adequação do espaço físico e da

¹⁰ SIMON. Círio. **Origens do Instituto de Artes da UFRGS: Etapas entre 1908-1962 e Contribuições na Constituição de Expressões de Autonomia no Sistema de Artes Visuais no Rio Grande do Sul.** 2003. 661f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

aquisição de equipamentos. Assim foi constituído o Arquivo Histórico do Instituto de Artes (AHIA) da UFRGS.

O AHIA resguarda aproximadamente 450 mil documentos relativos à origem e desenvolvimento do IA, tais como

toda a documentação histórico-administrativa, cultural e acadêmica da instituição, incluindo-se documentos como regimentos, regulamentos, leis, decretos, planos, plantas arquitetônicas, projetos, programas, pareceres, convênios e correspondências. Além desses, há ainda material relativo ao corpo docente, corpo discente e técnico-administrativo, processos e documentos que registram o suporte orçamentário, tributário e contábil do IA. Possui, também, um importante acervo manuscrito e visual, entre eles fotografias, gravuras, impressos de comemorações, solenidades (formaturas) e exposições. (GOULART, 2010, p.22)

É considerado como acervo histórico os documentos produzidos entre 1908 e 1962 e, para sua constituição, o AHIA conta com a colaboração da comunidade envolvida através da doação de acervo que possam fomentar pesquisas sobre o IA, as artes do Rio grande do Sul bem como com o patrimônio arquitetônico.

O AHIA possui autonomia na administração arquivística, tendo em vista que a Universidade não possui uma política específica para um sistema de arquivos. A normatização do Arquivo é elaborada por sua coordenação juntamente com a Direção do IA.

O Arquivo Histórico do Instituto de Artes hoje é formalizado como instituição arquivística através do registro no CODEARQ, junto à CONARQ¹¹.

3.3 PROJETO DE REVITALIAZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO AHIA

Descreve-se a seguir o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do AHIA, objeto deste estudo de caso.

3.3.1 Identificação do Projeto

O Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes é parte integrante do Projeto de Organização e Socialização do

¹¹ O Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (CODEARQ) foi instituído pela Resolução nº 28 do CONARQ, e visa permitir o acesso às informações sobre a missão institucional das entidades arquivísticas, seu acervo e contatos. O CONARQ é o Conselho Nacional de Arquivos.

Acervo Documental do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em desenvolvimento desde 2000. O Projeto de Revitalização foi elaborado e apresentado como Monografia de Especialização em Gestão de Arquivos pela arquivista Medianeira Pereira Goulart (GOULART, 2010), atual coordenadora de projetos do AHIA. Seus principais objetivos são a disponibilização e a conservação deste acervo, e para isso, proceder a identificação destas fotografias e sua descrição. No que se refere à identificação, as informações de interesse são: *quem* (da(s) pessoa(s), objeto, artefato, obra etc.), *onde* (localização da imagem no espaço geográfico, local ou evento), *quando* (localização da imagem no tempo cronológico, ou no momento da imagem) e *como* (descrição de detalhes relacionados ao objeto ou personagem enfocado)¹². A descrição é realizada com base na NOBRADE¹³.

O acervo fotográfico do IA passou a ser formado desde a fundação do Instituto em 1908 e foi crescendo sem um tratamento informacional adequado, sem políticas de conservação, organização ou qualquer identificação. Por esta razão foi verificada a necessidade de, além de pesquisa documental, mobilizar a comunidade acadêmica e a sociedade gaúcha em geral para identificar estes documentos fotográficos a fim de servirem como fonte de informação para pesquisa. Analogamente ao pensamento de Pollak, o arquivo cessa o silêncio de meio século na história do IA, oportunizando que as vozes institucionais e a da sociedade reconstruam esta passagem. A coleção de fotografia é constituída por mais de 2000 unidades e podem representar uma rica fonte de informação iconográfica sobre a história do IA e das artes do Rio Grande do Sul no século XX.

Como vimos em Le Goff, a nova historiografia baseia-se nos vestígios onde a memória se apóia, nos *lugares de memória* e a fotografia pode ser considerada um destes pontos de apoio. Portanto, ela é um documento importante na constituição desta história do IA e uma fonte importante na constituição da memória e da identidade deste grupo.

O projeto previu e está sendo aplicado em cinco fases: construção do site para o AHIA; seleção, digitalização e descrição das fotografias; divulgação do

¹² Informações disponíveis na página do Projeto: <http://www6.ufrgs.br/artes/arquivo/icaatom/web/index.php/page/image-gallery>. Acesso em: 30 mar 2012.

¹³ NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística.

projeto; pesquisa nas instituições para observar a experiência na implementação de projetos semelhantes; e difusão do acervo do IA.

O site¹⁴ do AHIA foi constituído através do *software* de código aberto ICA-AtoM, devido suas vantagens, tais quais:

[...] estabelecer uma correlação entre várias normas – ISAD(G), ISAAR(CPF) e ISDIAH – possibilitar uma descrição multinível para qualquer tipo de documento; oferecer uma versão amigável de instalação; conter ampla e diversificada bibliografia; permitir uma avaliação da experiência de uso em outras instituições, entre outras questões, concluiu que este *software* é o que melhor se adapta às necessidades atuais do Arquivo. (GOULART, 2010, p.60)

A seleção dos documentos a serem disponibilizados no *site* para identificação seguiu os critérios: demanda (os documentos mais solicitados); condições físicas (maior fragilidade) e a importância atribuída por seu conteúdo histórico (contexto institucional da imagem) e das políticas institucionais do próprio Arquivo. Como coloca Pollak (1987), a memória é seletiva; assim como é seletiva a escolha dos documentos que se mantém como fonte nas unidades de informação, como representante de uma memória coletiva. Ainda que fundamentada tecnicamente como no caso deste projeto, não pode ser considerada neutra; ela influencia na memória do grupo.

Os documentos selecionados foram digitalizados e disponibilizados no site do AHIA na página Galeria de Imagens¹⁵, cujas fotografias digitalizadas estão organizadas em três galerias: grupos, formaturas e exposições. O *software* utilizado para esta sessão foi o Coppermine, “que é uma ferramenta para a administração de galeria de imagens e álbuns de fotos com recursos para a edição simples e envio via File Transfer Protocol (FTP)” (GOULART, 2010, p.63).

A divulgação do desenvolvimento deste projeto ocorreu no âmbito da universidade através de seus canais de informação e expandiu-se para jornais de circulação local, como o Jornal do Comércio e Zero Hora¹⁶, além de canais abertos

¹⁴ Site do AHIA disponível no endereço eletrônico:
http://www6.ufrgs.br/artes/arquivo/icaatom/web/index.php/?sf_culture=pt. Acesso em: 30 mar 2012.

¹⁵ Galeria de Imagens está disponível no endereço eletrônico:
<http://www6.ufrgs.br/artes/arquivo/galerias/>. Acesso em: 30 mar 2012.

¹⁶ Jornal do Comércio, 10/06/2010 e ZH, Segundo Caderno- 15/06/2010 – p. 03

de televisão como Programa Estação Cultura da TV Cultura e o Programa Camarote TV COM da RBS TV¹⁷.

Outro passo da constituição deste projeto foi a investigação do trabalho do Conservatório de Música de Pelotas, que já havia aplicado projeto semelhante na organização e disseminação deste tipo de acervo.

E por fim, o projeto previu a difusão do acervo fotográfico do AHIA através da criação do site do Arquivo; através publicação de guias, inventários e catálogos; abertura do Arquivo para realização de estágios para alunos do curso de Arquivologia; apresentação de trabalhos sobre os Projetos do Arquivo em congressos e exposições do acervo.

3.3.2 O Projeto na Prática

Para a identificação das fotografias, a comunidade deve acessar o *site*¹⁸ do Arquivo Histórico do Instituto de Artes e clicar no *link* Galeria de Imagens, selecionar as imagens passíveis de identificação e postar as informações. Para tal é necessário um cadastro de usuário com o nome, endereço de e-mail e a criação de uma senha para acesso.

Figura 1 – Página inicial do *site* do AHIA



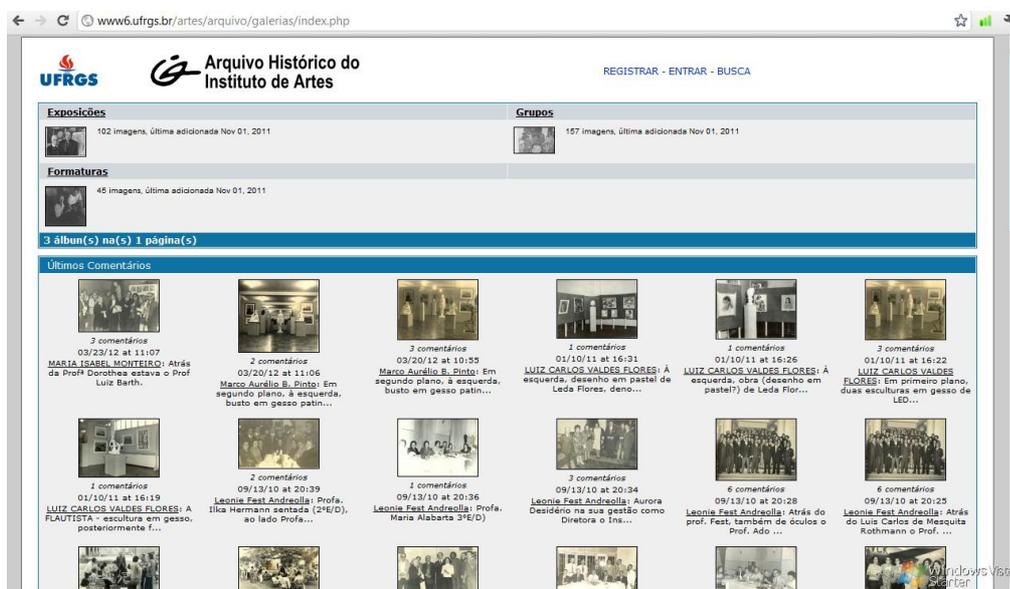
Fonte: site do AHIA.

¹⁷ Em 17 de junho de 2010: TV COM 19:30h e a TV Cultura às 21h.

¹⁸ http://www6.ufrgs.br/artes/arquivo/icaatom/web/index.php?sf_culture=pt

As fotografias digitalizadas ficam agrupadas por seu conteúdo em três galerias: Exposições, Grupos e Formaturas.

Figura 2 – Galerias de fotografias para identificação



Fonte: *site do AHIA.*

No entanto, para a surpresa da idealizadora do projeto, e representando um desafio, uma boa quantidade de pessoas dirigiu-se até o AHIA para proceder à identificação destas imagens e para doar novos documentos para constituírem o acervo.

Depois das informações coletadas, tanto através do site como as fornecidas pessoalmente no arquivo, a equipe do AHIA realiza uma pesquisa para comparar os depoimentos com os documentos disponíveis no arquivo, bem como uma consulta com pessoas que viveram na época para cruzar informações e atestar a coerência entre elas. Uma das pessoas-fonte de relevância é o professor Círio Simon, por ter feito uma grande pesquisa no acervo documental e ter sido professor do IA, tendo bastante conhecimento sobre o Instituto. Mas também outras pessoas são bastante importantes para este reconhecimento, como professores aposentados, artistas e parentes. Como exemplo, a arquivista citou a Nayá Correa, filha do Tasso Correa¹⁹, que contribuiu com informações relevantes (GOULART, 2012). Outro recurso utilizado para a identificação das fotografias é o *software* Picasa, que possibilita a

¹⁹ Tasso Corrêa foi um dos fundadores do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

identificação de pessoas, de suas características faciais, mesmo que tenha havido envelhecimento.

As informações submetidas à comparação dos depoimentos de pessoas contemporâneas ao fato é um método que pode ser observado segundo a colocação de Pollak de que a memória pode ser posta em disputa quando há conflitos de interesses entre o discurso oficial e a memória dos excluídos. Por exemplo, a memória de quem fazia parte da instituição pode estar em conflito com a memória do grupo de alunos ou da sociedade artística gaúcha.

Para a voz dos indivíduos que faziam parte da organização institucional, os pontos de referências entre a memória institucional - portanto pública - pode ser confundida com as memórias da vida pessoal. Outra questão trazida pelo autor.

Então, as informações divergentes são postas à prova através destes recursos e somente vão para a descrição da fotografia (catalogação baseada na NOBRADE) aquelas consideradas coerentes e que importam a título de catalogação. As outras informações são mantidas registradas de maneira informal. (GOULART, 2012)

As fotografias devidamente identificadas, com as informações confrontadas, são catalogadas no *software* ICA-AtoM que é específico para arquivos.

No dia do relato a arquivista informou que o Arquivo já tem identificadas 200 (duzentas) fotografias. O Projeto continuará até que todo acervo seja identificado. Hoje o arquivo continua recebendo imagens referentes ao IA, no entanto, também já em formato digital, o que representa um desafio de armazenamento e de conservação aos profissionais da CI. E continua ainda hoje apresentando velhos problemas, como a escassa identificação destas fotografias entregues ao Arquivo.

4 MEMÓRIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE AS TEORIAS DA MEMÓRIA SOCIAL APLICADA AO PROJETO DO AHIA

Este capítulo objetiva estabelecer uma reflexão sobre o uso da memória como fonte de informação em unidades informacionais (bibliotecas, arquivos, museus etc.), e de acervos fotográficos, sob o ponto de vista da memória social, aliando teoria e prática através do caso do AHIA.

A primeira questão a ser levantada é sobre a legitimidade da memória como fonte de informação. Como se pode observar nos estudos de Pollak e Le Goff, a memória é flutuante, é passível de manipulação pelo grupo, é um fenômeno construído. No entanto, os documentos registrados, quer sejam pessoais ou oficiais, também apresentam esta parcialidade em sua criação e na razão de sua conservação. Este pensamento está apoiado no paradigma historiográfico da Nova História Cultural. O mesmo se pode pensar sobre a fotografia, que é um documento que registra uma imagem que representa um recorte da realidade e que, embora o ângulo, a luz e o espaço escolhido para ser registrado influenciem na leitura da realidade, não se pode negar a sua ligação com o ato ou o fato que a originou, o momento retratado. Este ponto de vista é apoiado na corrente teórica que percebe a *fotografia como traço do real*, citado por Dubois. Neste caso o que se pode inferir é que tanto a memória quanto a fotografia são fontes legítimas de informação, passível de informar como qualquer outro suporte que documente o passado, ainda que com parcialidade.

Pode-se questionar então, qual o papel do profissional da informação frente a este contexto? Poderia este profissional mesmo com todo um aparato técnico ser neutro no processo de seleção, preservação, descrição e disponibilização da informação?

No caso da memória como fonte de informação pode-se sugerir que o papel do profissional está em transmitir ao receptor a informação mais transparente possível, informando o método utilizado para a coleta desta informação, bem como os resultados desta coleta - a informação proveniente do relato com toda a imprecisão, para que a leitura da relevância das informações seja realizada pelo usuário pesquisador através de seus próprios métodos científicos. Seria esta uma

estratégia para o profissional da informação minimizar sua influência na construção da memória social?

As normas de descrição que regem a catalogação dos acervos destas instituições estão preparadas para incluir a informação neste perfil? Em âmbito aplicado, no caso da Arquivologia e Biblioteconomia, representadas respectivamente pela NOBRADE e pelo AACR2, apresentam campos de descrição bem flexíveis, para todo o tipo e suporte de informação. A área 7 da NOBRADE *Área de Controle da Descrição*, no item 7.1 *Nota do Arquivista*, o objetivo é o de descrever informações sobre a descrição. Orienta:

Este elemento serve de validação das informações prestadas na descrição, fornecendo as fontes utilizadas e os nomes dos profissionais envolvidos no trabalho. Nesse sentido, devem ser registradas não só a bibliografia arquivística utilizada, mas também as fontes históricas primárias e secundárias. (BRASIL, 2006, p.56)

No subitem 7.1.3 determina: “Registre o(s) nome(s) das pessoas envolvidas no trabalho, definindo as responsabilidades.” (BRASIL, 2006, p.56). No AHIA registra-se a fonte de informação sobre o conteúdo da fotografia na área de notas, como pode ser observado no Anexo – C.

No caso da Biblioteconomia as normas para a descrição de fotografia estão abordadas no capítulo 8 do AACR2 (AMERICAN..., 2002), descrição de *Materiais Gráficos*, e apresenta como fontes principais de descrição o próprio documento e anotações fixadas permanentemente neles. O relato por terceiros, como fonte de informação, entraria na categoria *outras fontes*. Não há campo específico para descrever as fontes de informação para descrição do documento, por tanto, poderia ser descrito em área de notas gerais.

No caso da Museologia, ainda não há um código ou normas para a descrição de seus acervos. Segundo Yassuda (2009), há recomendações para descrição elaboradas pelo CIDOC/ICOM (Comitê Internacional para Documentação do ICOM/ Conselho Internacional de Museus) que são utilizadas nos museus europeus, contudo a realidade dos museus brasileiros não apresenta a influência desta normatização. Portanto, pode-se inferir superficialmente – já que este é um estudo que poderia gerar uma nova monografia - que ainda que não mencionado diretamente, as normas arquivísticas estão mais aptas para a descrição da fonte de informação pessoal, até mesmo pela natureza de seus acervos, do que a

Biblioteconomia cujas fontes escritas e registradas ainda são as fontes mais valorizadas, demonstrando seu aspecto tradicional.

No que se refere à atividade de coletar as informações pessoalmente através do relato, a arquivista Medianeira P. Goulart percebeu como um desafio da aplicação do projeto, pois proporcionou uma relação diferenciada com os indivíduos participantes, se comparados com os informantes internautas. Os depoentes, por vezes muito idosos, apresentavam algumas limitações visuais, de expressão oral e mesmo problemas relacionados à memória. Como se observa no relato:

Cada foto trazia um universo de recordações e eles se perdiam neste universo de recordações até chegar então no momento x, 'bom, esta foto foi tirada no Instituto, em 1945, era o professor fulano de tal, fazendo tal coisa', né? Então quer dizer, até eu conseguir a informação precisa tinha uma série de questões pessoais de cada um que trazia assim, ah... que vinha à tona, sabe? (GOULART, 2012)

Então, o profissional da informação quando propõe uma coleta de dados a partir do relato da memória dos indivíduos, precisa estar ciente das problemáticas da escolha entre abrir um espaço para que se postem informações isoladas, como foi o caso do Projeto (quem, onde, quando, como) e da informação coletada através do relato, em que se pode observar a construção da memória, seus momentos de contradições e seus pontos imutáveis. Segundo Le Goff, a memória é construída a partir da organização dos vestígios e o "comportamento narrativo" é um dos fatores desta organização e que depende do contexto em que está sendo evocada. Também é necessário que o profissional esteja preparado para lidar com as emoções que as fotografias e as lembranças provocam em quem relata.

A questão do uso da fotografia como um apoio para a memória coletiva também deve ser refletida, pois, segundo Pollak, a memória pode ser enquadrada a partir de objetos materiais, os *lugares de memória*. Desta forma o profissional da informação também pode ser um agente deste fenômeno de enquadramento, no ato de selecionar o que fará parte do acervo, de descrevê-lo e conservá-lo. Ao analisar as fotografias dispostas no site o IA pode-se questionar: que mensagem as fotografias arquivadas no AHIA querem passar sobre o Instituto e as artes gaúcha do início do século XX? Que história pode ser construída através destas imagens publicadas no site do Projeto do AHIA? E o que foi silenciado tanto na seleção quanto nos depoimentos?

A questão da tecnologia é outro fator de desafio para os profissionais da CI. Assim como a tecnologia auxilia com todos os seus recursos – no caso do AHIA, o uso do Picasa que facilita a identificação das pessoas e os *softwares* que proporcionam uma catalogação e recuperação eficientes – o número de documentos produzidos, incluindo as fotografias, crescem de maneira vertiginosa. A seleção negativa acaba por ser mais freqüente que o número de itens a serem tratados pelas unidades informacionais. A conservação destes novos formatos digitais também se caracteriza como um problema para a conservação da memória, tendo em vista que as tecnologias são superadas rapidamente e a migração para novos suportes necessária.

O profissional da informação pode ser considerado então como legitimador de memórias, visto que, mesmo na tentativa de neutralizar os efeitos, a natureza do seu trabalho implica na seleção e na manipulação da informação disponibilizada; mas é preciso levar em consideração que este não é um trabalho isolado, os centros de informação devem contar com uma comissão para este trabalho de seleção e para elaboração de normas que norteiam o trabalho, principalmente em instituições públicas. Até mesmo a atuação da comissão pode ser questionada, dependendo da representatividade dos indivíduos que a compõe. Neste caso, o profissional da informação não poderá ter a sua atuação como um instrumento do grupo para a legitimação da memória coletiva?

As questões levantadas neste capítulo sobre o uso da memória e da fotografia como fonte de informação, do tratamento dado à este tipo de informação, bem como o papel do profissional de CI frente a construção da memória social, não pretendiam repostas, mas um pensar reflexivo relacionado à teoria. Por ora podem ter parecido um tanto fortes se relacionado às praticas cotidianas das unidades de informação. Contudo, faz-se necessário um pensar do profissional sobre o impacto social de suas atividades profissionais que por vezes podem parecer tão somente técnicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que ainda haja resistência ao considerar que os livros estão para as bibliotecas, os documentos para os arquivos e os objetos para o museu, o paradigma da CI demonstra um caminho para a superação deste modelo e abre as possibilidades destas unidades tornarem-se centros de informação dinâmicos, menos dependente de seu suporte e voltados para as necessidades informacionais de seus usuários. Ainda que se preservem suas peculiaridades, torna-se necessário um pensar conectado entre estas três áreas, uma troca mais efetiva de experiências informacionais, uma reflexão mútua sobre o papel destas unidades de informação e de seus profissionais. Há muito que o profissional da CI, em especial o bibliotecário, tem sua atuação vista como estritamente técnica, mas percebe-se que estas três disciplinas estão voltando-se para questões mais humanas, demonstrando que sua base organizacional é de natureza técnica sim, mas seu fim é o desenvolvimento humano e social. Desta forma, esta pesquisa pretendeu colaborar demonstrando o papel social do profissional como um responsável e um legitimador da memória dos grupos sociais. Seus acervos representam o pensar e o fazer humano.

A fotografia foi analisada neste trabalho como um documento tratado em arquivo, no entanto, este tipo de suporte de informação é passível de integrar o acervo de qualquer centro de documentação, mesmo aqueles informais sob o ponto de vista da Ciência da Informação, como os centros comunitários e outras organizações sociais. É sabido que na nossa sociedade a imagem é um veículo de informação extremamente valorizado por sua comunicação rápida e por ser estimulante ao receptor. Isso pode ser observado na estratégia de *marketing* das empresas e na indústria da comunicação, com os jornais e revistas, cujas imagens tomam o espaço de destaque do documento. Como vimos no texto de Dubois, a memória é constituída por imagens. Desta forma, a fotografia tem seu lugar privilegiado como fonte de informação na construção da memória social, é um *lugar de memória*. Logo, demonstra-se a importância da reflexão sobre a seleção, a conservação e a descrição das fotografias como documentos que representam a história e a memória de um grupo.

A fotografia para ser considerada uma fonte de informação deve ser devidamente identificada em seu espaço-tempo, de forma a aproximar a leitura da informação passível dela de sua realidade de origem. E é neste contexto que os

estudos da memória social colaboram para o desenvolvimento da CI, quando a memória torna-se uma fonte de informação para embasar outra. Desta forma dá-se a importância do conhecimento das problemáticas resultantes da identificação deste tipo de acervo através da memória e do relato dos indivíduos, esta fonte de informação tão rica, viva e dinâmica.

Na tentativa de não tornar extremamente problemática a constituição da memória, entende-se que o lembrar também é um trabalho cognitivo individual. Cada indivíduo em condições normais de saúde lembra-se de onde esteve no dia anterior, das pessoas que conheceu em determinada ocasião etc. Não pretendeu-se com este trabalho reduzir o trabalho de memória à uma construção ideológica, mas trazer esta gama de elementos que podem distanciar o fato vivido do que é lembrado, visto que influencia na leitura dos fatos passados. É um fenômeno que pode redesenhar o passado e, portanto, as noções de identidade, principalmente ligadas aos grupos sociais, quer sejam eles organizados ou informais. Por isso a importância de estudar estas problemáticas no campo da CI.

O Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do IA pode ser considerado um projeto inovador, que demonstra a preocupação da instituição em disponibilizar para a comunidade um acervo tratado e com toda a sua potencialidade informacional. Sobretudo por estar calcado em práticas que a nova historiografia considera, proporcionando o espaço para todas as vozes, inclusive as não oficiais, apresentarem o seu ponto de vista do passado. É um trabalho tão rico que pode ser problematizado sob vários aspectos na área da CI, bem como das Ciências Sociais, Históricas e da Tecnologia da informação. Cada problema proposto permitirá uma nova reflexão sobre a atuação e a dinamização do Projeto, bem como poderá servir de base para repensar as práticas em outros centros e com outro tipo de fonte de informação.

Por fim, coloca-se que com todos os desafios inerentes a uma proposta de pesquisa de um tema pouco explorado, através de um método não habitual para quem o desenvolveu – no caso, a entrevista – e de tratar de um estudo de caso que requer consideração e respeito ao trabalho desenvolvido por outros profissionais e pelas pessoas envolvidas – pode-se afirmar que foi um trabalho de pesquisa bastante proveitoso, agradável de realizar, que oportunizou reflexão sobre o fazer profissional de quem está ingressando no mercado de trabalho com esta conclusão

de curso. Quiçá seja ele uma pequena colaboração para se pensar a CI. Sem presunção.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION et al. **Código de catalogação anglo-americano**. 2. ed. rev. Publicado por Canadian Library Association, 2002.

ANDRADE, Maria Eugênia Alibio; OLIVEIRA, Marlene de. A Ciência da Informação no Brasil. In: OLIVEIRA, Marlene de (org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; MARQUES, Angélica Alves da Cunha; VANZ, Samile Andréa Souza. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia Integradas na Ciência da Informação: as experiências da UFMG, da UNB e da UFRGS. **PontodeAcesso**, Salvador, v..5, n.1, p. 85-108, abr 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/4707>>. Acesso em: 02 abr 2011

ARRUDA, Maria Izabel Moreira. Biblioteconomia ou Ciência da Informação? In: BORGES, Maria Manoel; CASADO, Elias Sanz (coord.). **A Ciência da Informação Criadora de Conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. v.1. p. 31-40.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/nobrade.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da Informação: temática, história e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

GONDAR, Jô. Quatro Proposições Sobre Memória Social. In: _____; DOBEDEI, Vera (org.). **O Que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/PPG em Memória Social da UFRJ, 2005.

GOULART. Medianeira Pereira. **Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2010. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Curso de Gestão em Arquivos, Universidade Federal de Santa Maria, São João do Polêsine / RS, 2010.

GOULART, Medianeira Pereira. **[Entrevista sobre o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do AHIA]**. Porto Alegre, 11 abr. 2012. Entrevistadora: a autora. Gravação em MP3 (41 min 36 s). Entrevista concedida para o presente trabalho.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF : Brique de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. p. 366-411. Disponível em: <www.scribd.com/doc/.../HISTORIA-E-MEMORIA-Jacques-Le-Goff>. Acesso em: 26 out 2011.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996. Disponível em: <www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf>. Acesso em: 18 dez 2011.

MARTINEZ, Lusiane Vivian. **NOBRADE e a Descrição de Fotografia nas Diversas áreas da Ciência da Informação**. 2009. 78 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Graduação em Arquivologia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2009. Acesso em: <www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22753>. Acesso em: 05 maio 2012.

NICOLAIEWSKI, Alfredo. [IA – História]. [2012?]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/artes/institucional/historia>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br> Acesso em: 30 set 2011.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e Evolução da Ciência da Informação. In: _____. (org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário Escolar**: língua portuguesa. São Paulo: DCL, 2009.

SANTOS, Miryan Sepúlveda. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 30 mar 2011.

SIMON, Círio. **Origens do Instituto de Artes da UFRGS: Etapas entre 1908-1962 e Contribuições na Constituição de Expressões de Autonomia no Sistema de Artes Visuais no Rio Grande do Sul**. 2003. 661f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

YASSUDA, Silvia Nathaly. **Documentação Museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília/SP, 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf>. Acesso em: 27 maio 2012.

ANEXO A – Exemplo de Postagens de Informações: interação entre os participantes



Arquivo Histórico do Instituto de Artes
REGISTRAR - ENTRAR - BUSCA

Início > Grupos

INFO SLIDE IMAGEM 17/124 <<<<<< >>>>>>



Guest_Anonimo	[Jun 17, 2010 at 09:30 AM]
1º à esq. o indefectível Adolfo (nao lembro o sobrenome)	
anne schneider	[Jun 23, 2010 at 04:22 PM]
Stifel (ou Stifelman?)	
Amarilli Bonni Licht	[Ago 12, 2010 at 02:51 PM]
Adolfo Stifel (1º esquerda p/ direita), Locatelli e Jana Rodrigues.	
CIRIO SIMON	[Ago 23, 2010 at 01:18 PM]
Adolfo STIFFEL ; Luis Carlos SILVA -presidente do CATC ; Iara RODRIGUES	

Fonte: *site* do AHIA.

ANEXO B – Exemplo de Postagens de Informações: relatos afetivos



Arquivo Histórico do
Instituto de Artes

REGISTRAR - ENTRAR - BUSCA

Início > Grupos

INFO	SLIDE	IMAGEM 17/124	<<<<<	>>>>>
				
Guest_Anonimo		[Jun 18, 2010 at 02:25 PM]		
Última sentada de branco não é a querida Iarina da Escolinha de Artes? Saudades				
Visitante_Anonimo		[Jun 23, 2010 at 12:08 PM]		
De Anne Schneider-O sr q. está bem no meio da mesa é Adolfo Stifelman, amante da música q. não perdia um concerto em P.Alegre.O outro sr,a esquerda deve ser o prof J.J Pagnot de cello e tb acho a a última é Iarina,sim...				
CIRIO SIMON		[Ago 23, 2010 at 01:24 PM]		
Aldo LOCATELLI [4º] Adolfo STIFFEL [5º] Luis Carlos SILVA [6º] Iara RODRIGUES [7ª da esquerda para direita do observador]				
Leonie Fest Andreolla		[Set 13, 2010 at 08:02 PM]		
Jean Jacques Pagnot na sentado o (1ºE/D); Aldo Locatelli 3º E/D); Adolf Stiffel (4ºE/D); Luis Carlos Silva (5ºE/D); Iara Rodrigues Fundadora da Escolinha de Artes (6ºE/D).				

Fonte: *site* do AHIA.

ANEXO C – Modelo de Descrição das Fotografias

Visualizar descrição arquivística

Item E32 - Escultura - Leda Flores (Preliminar)



<input type="text"/> <input type="button" value="Buscar"/>	
<input type="text" value="assunto"/>	<input type="button" value="Navegar"/>

instituição arquivística	
Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	
produtor	
Escola de Artes	
fundo	
<ul style="list-style-type: none"> - Fundo IBA - Instituto de Bellas Artes do Rio Gr... (Preliminar) <ul style="list-style-type: none"> + Seção/Subfundo 1 - Administração Geral (Preliminar) + Seção/Subfundo 2 - Conservatório de Música (Preliminar) - Seção/Subfundo 3 - Escola de Artes (Preliminar) <ul style="list-style-type: none"> - Item 0087 - Francis Pelichek e grupo de individ... (Preliminar) <ul style="list-style-type: none"> + Série 1 - Controle de Cursos (Preliminar) + Série 2 - Vida Acadêmica (Preliminar) - Série 3 - Realizações Públicas (Preliminar) <ul style="list-style-type: none"> - Subsérie 1 - Comissão organizadora (Preliminar) - Subsérie 3 - Conyites... prêmios (Preliminar) - Subsérie 5 - Exposições (Preliminar) <ul style="list-style-type: none"> - Item 0006 - Evento sem data 2 (Preliminar) - Item E10 - Quadro - Leda Flores (Preliminar) - Item E2 - Busto - Cristina Balbão - Item E25 - Exposição do Cinquentenário do IBA-RS (Preliminar) - Item E30 - Busto - Fernando Corona (Preliminar) - Item E32 - Escultura - Leda Flores (Preliminar) - Item E32 - Esculturas - Leda Flores / Dorothea ... (Preliminar) - Item E32 - Exposição do Cinquentenário do IBA-RS (Preliminar) - Item E33 - Exposição do Cinquentenário do IBA-RS (Preliminar) - Item E34 - Exposição do Cinquentenário do IBA-RS (Preliminar) - Item E36 - Escultura - Leda Flores (Preliminar) - Item E44 - Mural Bandeirantes, de Aldo Locatelli (Preliminar) - Item E57 - Busto - Fernando Corona - Item E60 - Escultura de Dorothea Vergara (Preliminar) + Subsérie 6 - Viagens (Preliminar) + Subsérie 7 - Eventos e Jantares (Preliminar) 	

Área de identificação	
Código de referência	BR RSAHIA IBA-3-3-5-E32
Título	Escultura - Leda Flores
Date(s)	<input type="radio"/> c. 1958 (Produção)
Dimensão e suporte	fotografia 1 item p&b 23x21cm sem moldura
Área de contextualização	
Nome do produtor	Escola de Artes
Entidade custodiadora	Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Área de conteúdo e estrutura	
Âmbito e conteúdo	Quadros não-identificados; ao centro, A Flautista - escultura de Leda Flores.
Área de condições de acesso e uso	
Condições de acesso	Sem restrição, dando-se preferência ao acesso por cd-rom, disponível no local.
Condições de reprodução	Sem restrição, mediante autorização.
Idioma da documentação	<input type="radio"/> português
Área de notas	
Nota	Documento em bom estado de conservação.
Nota	Para identificação, foram utilizadas contribuições de Luis Carlos Valdes Flores.
Pontos de acesso	
Pontos de acesso - assunto	<input type="radio"/> 1º Salão Pan-Americano <input type="radio"/> Exposição
Pontos de acesso - lugares	<input type="radio"/> Porto Alegre - RS
Ponto de acesso - nome	<input type="radio"/> Escola de Artes (Produtor) <input type="radio"/> Leda Flores
Área de controle da descrição	
Archivist's note	Descrito por Medianeira Goulart (arquivista) e Débora Berté (historiadora).
Regras	BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
Status	Preliminar
Detalhamento da descrição	Parcial
Datas de criação, revisão e obsolescência	19/01/2010 (criação)
Idioma da descrição	<input type="radio"/> português
digital object metadata	
Nome do arquivo	E21.jpg
Tipo	Imagem

exportar	
Dublin Core 1.1 XML	
EAD 2002 XML	

Fonte: Site do AHIA.

ANEXO D - Carta de Cessão de Direitos Autorais

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Porto Alegre, 11 de abril de 2012.

Eu, Medianeira Lorena Paulant, portadora de carteira de identidade número 8047754307, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, concedida no dia 11 de abril de 2012, para a formanda do curso de Biblioteconomia Michelle Claudino Pires, para uso integral ou parcial para trabalho de Conclusão de Curso.

Medianeira Lorena Paulant